

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## HISPANOS NO SUL DE FRANÇA.

GARCIA Y BELLIDO, Antonio

Ano: 1955 | Número: 65

---

### Como citar este documento:

GARCIA Y BELLIDO, Antonio, Hispanos no Sul de França. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 331-340.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Hispanos no sul de França

PELO DR. A. GARCÍA Y BELLIDO

Prof. da Universidade de Madrid  
Director do Instituto de Arq. « Rodrigo Caro »

---

*Al Prof. S. Lambrino, en cordial homenaje  
de amistad y admiración.*

Num trabalho recentemente publicado (1) chamei a atenção para um texto de Caesar (2) referente a uma importante penetração pacífica de gentes oriundas das Gálias, que entraram pelos Pirineus ilterdenses no ano 49 antes de J. C., precisamente no momento em que o caudilho romano se encontrava ocupado a combater os pompeanos sobre o Segre. Em números redondos, os emigrantes passariam, sem dúvida, de 20.000. Muitos eram cidadãos romanos, alguns deles *equites* e até filhos de consulares.

Na benévola referência bibliográfica que a esse meu estudo fez há pouco tempo o eminente filólogo romeno Prof. Lambrino, teve a gentileza de facultar-me mais um dado histórico, também textual e também virtualmente ignorado, que de certo modo constitui a contrapartida daquele que por mim havia sido anteriormente exumado (3). O facto aludido, uns 23 anos anterior àquele que eu estudara, consistiu na passagem para o outro lado dos Pirineus, para a vertente aquitana, de um contingente espanhol

---

(1) A. Garcia y Bellido, «Algunos problemas relativos a las invasiones indoeuropeas en España», *AEArg.* 23, 1951, 487 ss.

(2) *BC.* 1, 51.

(3) Vide S. Lambrino, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 19, 1954, Bibliografia.

constituído pelos restos das forças dispersas do já vencido e morto Sertorius, que se haviam rendido a Pompeius. A melhor forma que este encontrou para neutralizar o perigo que esses homens, em tal situação, constituíam, foi dar-lhes terras na *Lugdunum aquitana*, que, desde então, passou a chamar-se dos *convenae* ou «concentrados», ou seja, *Lugdunum Convenarum*, a actual Saint Bertrand de Comminges, nas nascentes do Garona, situada no mesmo meridiano da nossa Lerida (1).

O episódio é significativo e, ainda que não possa afirmar-se que fosse ignorado dos nossos historiadores, a verdade é que não tinha sido aproveitado como o deveria ser, como tão pouco o havia sido o referente à imigração gala dos tempos de Caesar. Isto vem demonstrar-nos a necessidade de ler e reler com toda a atenção os autores clássicos, pois, mesmo que o não pareça, muitos passos poderemos ainda encontrar insuficientemente explorados. Tanto o caso que o sábio filólogo romeno nos apontou, como o assinalado por mim, demonstram que ainda é possível descobrir autênticos mediterrâneos.

Mas, em vez de considerarmos encerrado este assunto, é pelo contrário justamente aqui que ele tem começo. A indicação do Professor Lambrino despertou-me o desejo de documentar-me sobre este problema, tanto mais que, na bibliografia peninsular referente a este episódio ou às circunstâncias mais directamente com ele relacionadas, nunca havia encontrado uma valorização do caso como fenómeno demográfico importante e como exemplo claro daquela política romana de deslocações de elementos discolos ou pouco assimiláveis, política esta da qual possuímos alguns dados, relativamente ao interior da Península (2). Como era de esperar, a rebusca trouxe-nos à mão novos elementos de apreciação, que nos abri-

---

(1) Para a arqueologia e a história de *Lugdunum Convenarum*, vide principalmente R. Lizop, *Histoire de deux cités gallo-romaines. Les Convenae et les Consorani* (Tese doutoral), Paris, 1931, e J.J. Hatt, *Les monuments funéraires gallo-romains du Comminges et du Couserans*, Toulouse, 1945.

(2) Strab. III, 3,5 = C. 154.

ram outros horizontes. Mas antes de passarmos a expor os dados recolhidos acerca desta curiosa colonização hispânica de além Pirinéus, convém colocarmo-nos dentro do marco e do ambiente históricos em que ela teve lugar. É ao que vamos referir-nos sumariamente.

A causa de Sertorius em Espanha já por volta do ano 73 antes de J. C. ia resvalando no caminho do fracasso. Entre os seus próprios partidários aumentava o descontentamento e, o que era pior, a desconfiança. Só os indígenas continuavam a ser-lhe fieis, porque nada entendiam de política nem se intrometiam em assuntos políticos, nem tão pouco sequer nos militares, a não ser quando chegava a hora de combater. Os comandos romanos junto de Sertorius começaram a fraquejar e a deixar-se arrastar por ideias de revolta e subversão. À confiança em Sertorius persistia agora a crença na vitória, mas sem ele. Para o desautorizarem a tudo recorriam, tanto à insídia como ao que hoje chamamos « sabotage ». Provocaram-se defeções no exército; houve rendições inexplicáveis de cidades; já não se ganhavam como antes as batalhas, e até algumas, que eram triunfos quase certos, se perdiam; os actos de indisciplina sucediam-se. Para manter a ordem, Sertorius lançou mão de repressões que nem sempre eram justas, e em muitos casos demasiado severas e até por vezes cruéis. Tudo isso denotava indício evidente de fraqueza, pois nunca o forte e seguro de si próprio é cruel ou injusto. Tais medidas disciplinares só contribuíam para exacerbar o mal que, em muitos casos, os « saboteadores » romanos mais chegados a Sertorius eram os primeiros a provocar e a acentuar. Estes, aferrados à sua ideia, planejaram então o assassinato do chefe. Uma primeira conjura fracassou. Sertorius perdeu a serenidade e, em lugar de castigar os verdadeiros culpados, fez vista grossa sobre estes, e lançou todo o peso da vingança sobre os mais fracos, os aliciados. Por fim, nova conjura, melhor preparada, acabou perfidamente com o valoroso general romano. Perperna, principal inimigo de Sertorius e seu lugar-tenente, preparou um banquete para celebrar a boa nova de uma vitória fictícia e Sertorius

caiu no dolo com a inconsciência com que um pequeno rato cai na ratoeira (1).

Com o seu assassinato desmoronou-se a causa que ele defendia, e que aliás os seus assassinos pretendiam defender também. Perpenna tomou sobre si toda a responsabilidade, na nova fase da luta. Mas a figura de Sertorius era suficientemente grande e querida dos seus soldados para que estes não sentissem logo a diferença de comando. Muitos fugiram, em debandada. Outros refugiaram-se nas montanhas pirenaicas e aí se consolidaram, aguardando a oportunidade de poderem chegar, por entendimento, a um acordo aceitável com Pompeius (2). Outros, vendo que o novo caminho seguido após a morte de Sertorius era muito pior que o anterior, voltaram-se contra os assassinos do caudilho romano e defenderam com decisão a memória daquele que até há pouco só os havia conduzido a triunfos e vitórias. Estes recommçaram a luta possivelmente com maior ardor que antes. Basta recordar os nomes de cidades como *Úxama*, *Termes*, *Clunia*, *Osca*, *Valentia* e, acima de tudo, *Calagurris* (Calahorra), cujo fim ultrapassa em horror os célebres cercos de *Astapa*, *Saguntum* e *Numantia* (3). Por seu lado, Perpenna pretendeu também continuar a resistência a todo o custo, mas foi vítima da sua própria traição, com a qual enfraquecera grandemente o moral, incluindo o daqueles que o seguiram. Perpenna foi dentro em pouco der-

(1) A. Schulten, *Sertorio*, Barcelona, 1949 e *FHA IV* 242 ss.

(2) Caes. *BC.* 3,19. Mais explicitamente Ploút. *Sert.* 27 *οἱ μὲν οὖν πλείστοι τῶν Ἑλλήνων εἰθὺς ὄχοντο καὶ παρέδωκαν ἑαυτοὺς ἐπιπρσβευσάμενοι τοῦς περὶ Πομπηίου καὶ Μέτελλον.*

(3) Sobre o fim de Calagurris vide o meu livro *La Península Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid, 1953, 676 ss. Exup. 8, Oros. 5, 23, 14, e, principalmente, Florus, 2,10 (3,22) 9, no qual há que substituir provavelmente *Ulla* por *Clunia*, a não ser que admitamos uma *Ulla* também no Norte, o que não é impossível se tomarmos em linha de conta a perduration do mesmo topónimo num dos montes mais próximos de San Sebastian.

rotado e teve a morte que merecera pelo traiçoeiro assassinato praticado. Os restos constituídos por aqueles que ainda resistiam dispersaram então, em várias direcções. Alguns romanos foram parar à Sicília, onde Verres, então governador da Ilha, se encarregava de os ir eliminando, para encobrir com essas execuções os seus próprios desmandos (1); outros foram ter à África, onde eram dizimados pelos mauritanos (2); outros às Gálias. Estes últimos aparecem citados posteriormente, no ano 56, como dirigentes das guerras dos aquitanos contra Crassus, legado de Caesar, «por serem — diz o texto cesário (3) — já experientes noutras guerras contra os romanos, sob as ordens de Sertorius» (4). A maioria destes fugitivos devia ser constituída de romanos, principalmente chefes, altos funcionários civis e dirigentes, em geral. Também alguns eram indígenas, como provavelmente, pelo menos em parte, os que aqui cita Caesar. Porém, a grande massa anónima dos indígenas, que constituíam o grosso das legiões organizadas por Sertorius em Espanha, essa não podia fugir tão rapidamente, nem tinha razões para isso. Reunidos solidariamente, fizeram por sua vez o mesmo que já haviam feito, como vimos, os que procuraram refúgio e defesa nos Pirineus, após o assassinato de Sertorius, e como fizeram igualmente os mercenários iberos, em seguida à derrota de Himilkón, no famoso cerco de Syrakusa, do ano 395 (5), isto é, pactuaram com Pompeius, seguros das suas vidas e em situação de imporem condições que tornassem aceitável a entrega. Assim no-lo refere pelo menos Cícero, num texto escrito dois anos depois da morte de Perperna (6). Não

(1) Cic. *Verres* 5,72; 146; 151.

(2) Plút. *Sert.* 27.

(3) *BG.* 3, 23, 5.

(4) «*duces vero ii deliguntur, qui una cum Q. Sertorio omnes annos fuerant summanque scientiam rei militaris habere existimabatur*». Caes. loc. cit.

(5) Diód. 14. 75, 89.

(6) *ad Cn. Pompeium*. . . . *permulti occiso Perperna ex illo sertoriano numero militum confugerunt*. In *Verrem* 5, 153.

deve, no entanto, confundir-se este facto com o anterior. Este teve lugar *occiso Perperna*, como diz o texto ciceroniano; aquele, morto Sertorius, conforme se depreende de Plóútarchos (1). E é lógico que assim fôsse. Por seu lado testemunha Plóútarchos (2) que, apesar das deserções que deveriam seguir-se ao assassinato de Sertorius, restaram a Perperna elementos com os quais tentou — diz ele — « fazer ainda alguma coisa ». *Τὸς δὲ συμμείναντας ὁ περιπένης ἀναλαβῶν ἐπεχείρει τι πράττειν*. Tais elementos deveriam ser os que se entregaram à última hora, quer dizer, os citados por Cícero, na passagem a que acabamos de aludir.

Interessa agora saber que destino levaram todos estes elementos hispânicos que se acolheram a Pompeius e Metellus. Os textos transcritos nada nos dizem a tal respeito. Contudo, dois textos muito mais tardios respondem precisamente à nossa interrogação.

Um desses textos encontrámo-lo em São Jerónimo, que na sua obra *Adversus Vigilantium* 4 (=Migne 23,342) nos dá conta de como aqueles sertorianos que se renderam a Pompeius, uma vez descidos dos montes Pirineus, onde se haviam reconstituído para negociarem a sua liberdade, conforme vimos, foram congregados ou reunidos pelo general romano num *oppidum* que por esse motivo — explica São Jerónimo, etimologizando — passou a chamar-se *Convenarum urbs* (3). O texto copiado deve proceder de Sallustius, como judiciosamente supôs Hirschfeld (4). É de notar que São Jerónimo fala de uma dupla «colónia», a dos *convenae* e a dos *latrones*. Quem eram os *convenae* ficou acima explicado, mas não assim os *latrones*. Provavelmente estes *latrones* são os mesmos *praedones* citados por Caesar, *B G*, 3, 19, 2, numa passagem já confrontada e claramente relacionável com os factos

(1) *Sert.* 27.

(2) *Ibidem*.

(3) *De latronum et convenarum natus est semine, quos Cn. Pompeius edomita Hispania et ad triumphum redire festinans in Pyrenaei iugis deposuit et in unum oppidum congregavit, unde et Convenarum urbs nomen accepit.*

(4) Apud Holder, *Alt-Celt. Sprachschatz*, II, 343.

que estudamos. Nela se alude à possibilidade de enviar uma embaixada a Pompeu, invocando-se para isso o facto de este as ter recebido de fugitivos (os espanhois de Sertorius) e de ladrões (1). Evidentemente que estes «*latrones*» são os mesmos «*praedones*» de Caesar, mas ignoramos a razão por que aparecem aqui junto dos *convenae*. Seriam bandidos que aproveitaram a ocasião de se juntarem aos fugitivos de Sertorius para negociarem, à sombra deles, uma entrega sem represálias? A região dos Pirineus, especialmente a dos bascos, esteve habitualmente infestada de bandoleiros até um período bastante avançado da Idade Média, facto este confirmado pelos textos e inscrições. Por outro lado, é sabido que os romanos classificavam de «*bandidos*» e de «*ladrões*» todos os que se erguiam contra eles em rebeldia, empunhando as armas (2). Tais qualificativos, posto que em princípio não fossem justos, tinham sua razão de ser, pois estes rebeldes ou insubmissos — quebradas as suas relações com a sociedade — tinham de viver do roubo, do assalto, do banditismo, numa palavra. Mas é preciso notar-se que tais «*praedones*» e «*latrones*» chegaram a constituir, durante as guerras lusitanas e celtibéricas, verdadeiros exércitos, que em certos casos passaram de 10.000 homens. Concordemos que já não é plausível aludir a semelhante massa de homens com tais qualificativos, somente adequados a pequenos bandos, ou grupos pouco numerosos. É provável que também os «*latrones*» e «*praedones*» dos textos de São Jerónimo e de Caesar fossem constituídos por uma parte dos contingentes sertorianos que, como em tempos recentes (os de meados do século II, acabados de citar), preferiram entregar-se a uma vida aventureira, ao roubo e ao saque, do que implorar do romano a clemência em que não

---

(1) *Fugitivis ab saltu Pyrenaeo praedonibusque*. Caes. loc. cit.

(2) Vide sobre este conceito o meu discurso de ingresso na Academia de la Historia, intitulado *Bandas y guerrillas en las luchas con Roma*, Madrid, 1945, pág. 12.



confiavam, nem da qual necessitavam enquanto conservassem as armas na mão.

O segundo texto é o que se encontra no nosso Santo Isidoro de Sevilha, que nas suas Etimologias <sup>(1)</sup> acaba por dizer o mesmo, ou quase o mesmo, que São Jerónimo. Há contudo, neste texto, uma novidade sumamente importante, que não procede de São Jerónimo. Onde este fala de «latrones» e «convenae», Santo Isidoro alude, simplesmente, a *vascones* <sup>(2)</sup>. Este novo informe é possível que proceda de Sallustius, fonte provável do referido São Jerónimo, como já insinuamos, perfilhando a opinião de Hirschfeld. Isso é tanto mais verosímil quanto é lícito suspeitar que os contingentes com que Sertorius formou os seus quadros deveriam ser oriundos dos vascones em grande parte, os quais ocupariam então a actual Navarra, o território de Cinco Villas (N. de Zaragoza) e Huesca. Mais ainda: na geografia do último momento vivido pela causa sertoriana são bascas *strictu sensu* as cidades de Huesca (*Oscá*) e Calahorra (*Calagurris*). Esta última é já citada por Strábon explicitamente como basca, em III 4,10 (*Ὀυασκῶνων Πόλις* lhe chama ele).

O caso dos *convenae* de *Lugdunum* <sup>(3)</sup> não deve ter sido único. Nem todas as concordâncias toponímicas que se notam entre o Meio-dia de França e o N. de Espanha devem ser atribuídas a semelhanças de população, a indiscutíveis parentescos étnicos entre aquitanos e vascones <sup>(4)</sup>, entre celtas de uma e

(1) Esid. *Etym.* 9, 2, 108.

(2) *idem et vascones..... quos Cnaeus Pompeius edomita Hispania et ad triumphum ventre festinans de Pyrinaei iugis deposuit et in unum oppidum congregavit. Unde et Convenarum urbs nomen accepit.* Isid. loc. cit.

(3) Deixamos de parte o problema de ser este apelativo uma falsa etimologia de outro nome indígena, como no caso semelhante dos *consoranni* ou *consuarani* de Plin. IV 108 e III 32. Vide C. Jullian, *Hist. de la Gaule*, III, 116 nota.

(4) Vide J. Caro Baroja, «La Aquitania y los Nueve Pueblos», *AEArq.* 17, 1944, 113 ss.; e, sob outros pontos de vista, o mesmo contido nos seus *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*, Salamanca, 1948, 169 ss.

outra vertente dos Pirineus, ou inclusivamente aos elementos ibéricos que, já em tempos remotos, se haviam espalhado pelo menos na região narbonense e provençal. Algumas dessas concordâncias poderiam ter sido resultantes de deslocações análogas às verificadas em *Lugdunum Convenarum*. Para não nos afastarmos dos limites histórico-geográficos dos acontecimentos aqui comentados, recordemos que muito perto de Saint Bertrand de Comminges, cerca de Cazères ou Martres, entre Saint Gaudens e Toulouse, ou seja a alguns quilómetros a NE. de *Lugdunum Convenarum*, é citada no Itinerário Antoniniano (457,9) uma cidade aquitana com o surpreendente nome de *Calagorrae* ou *Calagorris*. Estamos portanto na presença da réplica transpirenaica da *Calagurris* hispânica, essa mesma cidade que tanto se distinguiu na defesa da causa de Sertorius, e que foi obrigada a sucumbir ao assédio dos pompeanos, após uma resistência que ficou memorável entre as mais tenazes e violentas da Antiguidade (1). Em face desta notável coincidência de factos, identidade de nomes, vizinhança geográfica entre a *Calagorris* aquitana e a *Calagurris* riojana, e da proximidade de *Lugdunum Convenarum* com *Calagorris*, é admissível a hipótese de que esta, no seu início, tenha sido o refúgio daqueles últimos resistentes, nesse caso os vascones da *Calagurris* das margens do Ebro. Ao lado desta hipótese, outras concordâncias similares podem citar-se, como a das *Tolosas*, dos dois lados dos Pirineus. Uma, a actual Toulouse, chamada *Tolosa* na Antiguidade, e as duas *Tolosas* (assim chamadas ainda hoje), uma a de Guipúzcoa e outra a de Huesca, perto de Benabarre (La Puebla de Castro). É de notar que a *Tolosa* francesa (actual Toulouse) está situada nas cercanias de *Lugdunum Convenarum* (Saint Bertrand de Comminges) e de *Calagorris* (junto à actual Martres). Serão estas concordâncias toponímicas outros tantos testemunhos de deslocações

---

(1) Vide o meu livro *La Península Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid, 1953, no lugar atrás citado, e as referências textuais já transcritas.

semelhantes à dos *convenae*? É extraordinariamente interessante sublinhar que nestes sítios do vale superior do Garona, isto é, da Aquitânia pirenaica, tem sido achada cerâmica tipicamente ibérica, como a que apareceu na necrópole de Saint Roch, perto de Toulouse (1).

O tema é muito mais amplo e convida a um estudo profundo. Neste lugar apenas tivemos a intenção de esboçar os seus pontos de arranque, a sua base. Seria porventura frutuosa tarefa comparar os antropónimos e topónimos dos monumentos romanos encontrados nas dioceses de Comminges e de Couserans, recopilados há anos, num excelente trabalho de J.J. Hatt (2), e sobretudo estudar as próprias estas em si, nas evidentes relações de forma que apresentam com as do N. e NO. da Península.

---

(1) Ver L. Julin, *Rev. Arch.* 19, 1912, 15 lám. F n.º 32, e A. Garcia y Bellido, «Expansión de la cerámica ibérica», *AEArq.* 27, 1954, 249.

(2) *Les Monuments funéraires gallo-romains du Comminges et du Couserans*, Toulouse, 1945.